

EP-275

CULTURA DE VIGILÂNCIA POR MÉTODO PCR E A IMPORTÂNCIA NA DETECÇÃO DE BACTÉRIAS MULTIRRESISTENTES EM UMA INSTITUIÇÃO PRIVADA NO INTERIOR DE SÃO PAULO

Bruna Maritan Costa, Karina Bonicenha Pedroso, Adriana F. Silva Santos, Thais A. Oliveira Araújo, Jeanaiza Grigorenciuc, Leandro L. Souza Viagnó, Karen Mirna Loro Morejón

Hospital Unimed Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, SP, Brasil

Introdução: O aumento no número de infecções relacionadas à saúde (IRAS) causadas por bactérias multirresistentes (BMR) vem preocupando cientistas, médicos e equipe multidisciplinar por representar uma grande ameaça para a segurança e qualidade de vida do paciente, bem como por onerar os custos do tratamento. A vigilância de germes multirresistentes tem se mostrado cada vez mais importante para conter sua disseminação nos ambientes hospitalares. O método habitualmente utilizado, através de cultura de swab nasal e anal, além da demora para o resultado final, pode trazer falhas na identificação do agente. Dessa forma, até a conclusão do exame, o paciente permanece em isolamento de contato, o que, além de ser desconfortável para o paciente, familiar e equipe, aumenta significativamente os gastos com insumos hospitalares. Nesse contexto, os métodos de biologia molecular tomam cada vez mais espaço para a identificação rápida de germes multirresistentes.

Objetivo: Analisar a ocorrência de BMR de maneira mais sensível e mais rápida, a fim de instituir com mais agilidade medidas de isolamento no ambiente hospitalar.

Metodologia: Foram selecionados pacientes que internaram no período de 01 de novembro de 2019 a 18 de fevereiro de 2020 e que haviam estado internados por mais de 72 horas, nos últimos 6 meses, em unidade hospitalar ou que fossem usuários de clínica de hemodiálise. As amostras (2 swabs região anal e um região nasal) foram analisadas no equipamento GeneXpert®. No swab anal foram pesquisados os genes vanA/vanB e Carba-R (IMP1, VIM, NDM, KPC, OXA 48) e no swab nasal, a presença de *S. aureus* e gene MRSA.

Resultados: Foram coletadas 104 amostras de swab de vigilância anal para Carba-R e 102 amostras para vanA/vanB e 103 amostras de vigilância nasal. Nas amostras de vigilância anal, onze pacientes (10%) apresentaram identificação de Carba-R (8-KPC, 2-NDM e 1-IMP1), 6 pacientes (6%) VanA e um paciente VanB. Nas amostras de vigilância nasal, 21 pacientes (17%) apresentaram MRSA.

Discussão/Conclusão: Conseguimos identificar precocemente 39 pacientes com germe multirresistente no momento da internação. Esse método poupou recursos que seriam utilizados para medidas de isolamento, (aventais e luvas), além da otimização de leitos de isolamento. O trabalho em conjunto da Diretoria do Hospital, setor de Microbiologia e o SCIRAS é fundamental para a gestão adequada de recursos,



visando à prevenção de disseminação de BMR no ambiente hospitalar.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2020.101353>

EP-276

MUDANÇAS EM PADRÕES DE CONSUMO DE ÁLCOOL GEL PARA HIGIENE DAS MÃOS ANTES E DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Helena Alvarenga Sardenberg, Ricardo de Souza Cavalcante, Carlos Magno C. Branco Fortaleza

Faculdade de Medicina de Botucatu (FMB), Universidade Estadual Paulista (UNESP), Botucatu, SP, Brasil



Introdução: A pandemia de COVID-19 trouxe desafios ao controle de infecção. Embora a transmissão do SARS-Cov-2 seja predominantemente por gotículas, a Organização Mundial da Saúde reforça a adesão à higiene das mãos como uma das medidas essenciais para evitar a disseminação do vírus em hospitais. Uma das maneiras de quantificar indiretamente a higiene das mãos é o acompanhamento do consumo de álcool-gel em unidades hospitalares.

Objetivo: Estudar a evolução do consumo de álcool-gel em Unidades de Terapia Intensiva (UTIs) de um hospital de ensino no período pré-pandêmico e durante a pandemia de COVID-19.

Metodologia: Foi obtido o consumo mensal de álcool-gel no período de janeiro de 2018 a agosto de 2020 para cinco UTIs. Taxas foram calculadas em litros por mil pacientes-dia. O consumo foi calculado nos períodos pré-pandêmico (jan/2018 a fev/2020) e pandêmico (mar/2020-ago/2020). Foram então realizadas as seguintes análises: (1) comparação de taxas antes e depois, pelo “mid-P exact test” no software OpenEpi (Emory University, Atlanta, GA, USA); (2) análise de séries temporais interrompidas, tendo o mês de março de 2020 como “momento de intervenção”, no software STATA 14 (Statacorp, College Station, TX, USA).

Resultados: As taxas de uso de álcool gel (em litros por 1000 pacientes-dia) após e antes março de 2020 foram as seguintes: UTIs de adultos não COVID-19, 48,8 versus 24,3 (Razão de taxas [RT], 2,00; Intervalo de confiança [IC] de 95%. 1,99-2,01; $p < 0,001$); UTI de adultos internando COVID-19, 43,7 versus 33,7 (RT 1,41; 95% 101, 1,30-1,32; $p < 0,001$); UTI pediátrica, 48,9 versus 27,0 (RT 1,81; 95% 101, 1,80-1,83; $p < 0,001$); UTI neonatal, 45,5 versus 17,8 (RT 2,56; 95% 101, 2,54-2,68; $p < 0,001$). Na análise de séries temporais interrompidas, todas as UTIs apresentaram aumento imediato do uso do álcool gel. Porém somente duas delas apresentaram aumento sustentado ao longo do tempo: UTI de adultos com COVID-19 (coeficiente, 0,822; IC95%, 0,820 a 0,824; $p < 0,001$) e UTI neonatal (coeficiente, 1,005; IC95%, 1,005 a 1,006; $p < 0,001$). As demais UTI reduziram progressivamente o uso, retornando aos níveis pré-pandêmicos em agosto/2020.

Discussão/Conclusão: Os resultados demonstram que a preocupação com a transmissão intra-hospitalar do SARS-Cov-2 pode contribuir para aumentar adesão à higiene das

mãos. No entanto, em unidades nas quais essa preocupação não é mantida, os níveis de adesão podem cair rapidamente.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2020.101354>

EP-277

AVALIAÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS MICROBIOLÓGICAS E EPIDEMIOLÓGICAS DOS PACIENTES INFECTADOS POR MICRORGANISMOS MULTIRRESISTENTES DO HOSPITAL HELIÓPOLIS, 2016-2018



Loni Suliani Dorigo, Durval Alex Gomes e Costa, Simone Gomes de Sousa, Adilson José Cavalcante Westheimer, Juvencio José Duailibe Furtado

Hospital Heliópolis, São Paulo, SP, Brasil

Introdução: As bactérias multirresistentes (MDR) são responsáveis por aumento da mortalidade, dos custos das internações e dos dias de hospitalização. Tratá-las é um grande desafio mundial já que os atuais esquemas terapêuticos apresentam uma série de limitações e mostram-se, muitas vezes, pouco eficientes.

Objetivo: Este estudo avaliou o perfil microbiológico e características dos pacientes infectados por bactérias multirresistentes em Hospital Terciário da cidade de São Paulo.

Metodologia: O estudo foi retrospectivo e transversal, com coleta de dados no Serviço de Arquivo Médico a partir da planilha de pacientes infectados ou colonizados por bactérias multirresistentes.

Resultados: Foram avaliados 132 pacientes entre 2016-18, com idade média de 61.2 anos (15-94). *Klebsiella* spp. produtora de carbapenemase (KPC) e *Enterococcus* spp. resistente à vancomicina (VRE) foram os mais prevalentes (73.4% e 35.6% respectivamente), com mortalidade respectiva de 38.1% e 21.3%. Mortalidade acentuada teve relação com idade entre 71-80 anos, infecção de corrente sanguínea, infecções em unidades críticas e escore de Pitt alto. Óbitos ocorreram em 50% dos pacientes em uso de polimixina e meropenem para KPC e em 50% e 30% dos que usaram ampicilina e linezolida, respectivamente, para tratamento de VRE. Comunicantes foram gerados em 34% dos pacientes, com maior prevalência em unidades com ocupação permanente de 100% dos leitos. Pacientes que estavam apenas colonizados por MDR tiveram risco de morte associada ao MDR de 11.1%. O escore de Pitt no momento da coleta da cultura estava abaixo de 4 em 58.3% dos casos.

Conclusão: Nosso estudo mostra a necessidade de estratégias de tratamento empírico direcionado no momento da piora clínica (com escore de Pitt ainda baixo na maioria dos pacientes) para diminuir a mortalidade de MDR, ainda que haja necessidade de novas opções terapêuticas mais eficientes. Melhor manejo de unidades superlotadas também diminuem os comunicantes, reduzindo custos de internação, mortalidade e precauções de contato.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2020.101355>

EP-278

O USO DE LUVAS PELA EQUIPE DE ENFERMAGEM EM AMBIENTE HOSPITALAR



Caroline do Rio, Camila Eugenia Roseira, Lívia C. Scalon Costa Perinoti, Rosely Moralez de Figueiredo

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, SP, Brasil

Ag. Financiadora: FAPESP E CAPES

Nr. Processo: FAPESP: 2019/08484-3
CAPES:88887.484599/2020-00

Introdução: Nos serviços de saúde, as luvas são os insumos mais utilizados e juntamente com a Higienização das Mãos (HM) e o uso dos demais Equipamentos de Proteção Individual (EPI) subsidiam as precauções padrão e as específicas. Entretanto, seu uso indiscriminado pode gerar, dentre outros problemas, o aumento do risco de infecção cruzada entre pacientes, já que esta situação tende a ser aliada à baixa adesão à HM. Partindo dos prejuízos inerentes a uma utilização incorreta de luvas e não pautada em riscos, buscou-se compreender como ocorre a utilização deste EPI pela equipe de enfermagem.

Objetivo: Caracterizar o uso de luvas pela equipe de enfermagem em ambiente hospitalar e identificar situações em que este uso esteja ou não em conformidade.

Metodologia: Estudo descritivo exploratório de abordagem quantitativa, realizado em hospital do interior do estado de São Paulo, no período de agosto a outubro de 2019, por meio da observação da equipe de enfermagem na realização de 396 procedimentos. O roteiro para anotação foi elaborado pelas autoras com base nas recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS). Todos os aspectos éticos foram contemplados.

Resultados: Foram observados 32 diferentes tipos de procedimentos. A taxa de conformidade ao uso de luvas, em completa concordância, ocorreu somente em uma observação (0,25%). Já excluindo-se a higienização das mãos foi de 60,1% (238). Em outras 39,9% (158) oportunidades a utilização incorreta variou entre reutilização (18,43%), utilização sem necessidade (8,33%) e a não utilização quando necessário (13,13%). As mãos foram higienizadas previamente ao uso de luvas em 1,76% das observações e em 4,54% imediatamente após sua retirada.

Discussão/Conclusão: A baixa adesão à HM pelos profissionais de enfermagem é algo bem documentado. Quanto ao uso indiscriminado ou inadequado das luvas, sabe-se que esse fator pode estar associado a contaminação cruzada e ainda pela transferência de microrganismos ou matéria orgânica para as superfícies tocadas. Muitas vezes, a utilização de luvas ocorre independente do risco de contato com sangue, secreções ou mucosas. Por outro lado, uma situação preocupante encontrada no presente estudo, foi que em 13,13% das oportunidades os profissionais não utilizaram luvas mesmo tendo indicação. O uso de luvas pela equipe de enfermagem apresentou não conformidades em 39,89% das vezes.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2020.101356>